

SENHORA DO DESTINO: “NOVAS” NOÇÕES SOBRE LESBIANIDADE NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA¹

Lenise Santana Borges²

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise sobre o papel da mídia televisiva na construção de noções sobre a lesbianidade. A partir de uma perspectiva teórico-metodológica da psicologia social discursiva de base construcionista e dos estudos de gênero, indaga-se sobre os sentidos produzidos sobre a temática da lesbianidade na telenovela *Senhora do Destino* (Rede Globo, 2004-2005). Os resultados desta pesquisa apontam para um duplo efeito na introdução da temática da lesbianidade na novela. Por um lado, o processo de assimilação da noção de lesbianidade provoca uma maior “familiarização” na sociedade, bem como a circulação de códigos/modelos positivados propiciam a legitimação de relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, o modo como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia uma desestabilização de normas sociais e de modelos hegemônicos.

Palavras-chave: homossexualismo; visibilidade; análise discursiva.

SENHORA DO DESTINO: “NEW” NOTIONS ABOUT LESBIANITY ON THE COMNTEMPORARY MIDIA

Abstract

This article presents an analysis of the role of media on construction of lesbianity notions. From a theoretical-methodological perspective

¹ Projeto financiado pela CAPES

² Doutora em Psicologia Social, Professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC-GO – Departamento de Psicologia. Av. Universitária 1.440, Setor Universitário. CEP: 74605-010. Goiânia/GO, esinel@uol.com.br

of discursive social psychology based on constructionist and gender studies this research inquires about the meanings produced about the issue of lesbianism in the soap-opera “Senhora do Destino” (TV Globo, 2004-2005). Our results suggest a dual effect in the introduction to the subject of lesbianism in that soap-opera. On the one hand, the process of assimilation of the notion of lesbianism causes greater “familiarity” in society, as well as the circulation of codes/models positivized provide the legitimacy of affective-sexual relations between persons of the same sex. On the other hand, how the processes occur legitimacy / acceptance does not provide a disruption of social norms and hegemonic models.

Key words: homosexuality; visibility; discursive analysis.

Introdução

A maior parte dos estudos acerca do tema lesbianidade se concentra nas Ciências Humanas (Antropologia e Psicologia), em sua grande maioria, focalizando processos de construção de identidades por meio da análise das trajetórias de vida das mulheres estudadas. Pesquisas sobre a relação entre lesbianidade e mídia e, mais especificamente, entre lesbianidade e telenovela, ainda são escassas. Citelli (2005) faz um levantamento de pesquisas sobre a mídia nas Ciências Sociais que enfocam a sexualidade. Os exemplos citados pela autora se situam majoritariamente em contextos da mídia escrita. No entrecruzamento entre mídia televisiva e sexualidade, a autora destaca o trabalho de Hamburger (2001), que analisa as representações sobre reprodução em telenovelas brasileiras veiculadas de 1970 a 1997. Mais recentemente, Gomide (2006) e Borges (2008) analisam, especificamente, a relação entre telenovela e lesbianidade.

A partir de 1988, uma seqüência de novelas na Rede Globo – *Vale Tudo* (1988-1989), *Torre de Babel* (1998-1999), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2004-2005), *América* (2005), *Páginas da Vida* (2006-2007), *Paraíso Tropical* (2007), – indicam que a

temática da homossexualidade/lesbianidade vem ganhando espaço e visibilidade na mídia, o que me instiga a indagar sobre as formas de como isso tem se dado.

Além da finalidade mercadológica, a recorrência de exposição na mídia televisiva do tema da homossexualidade/lesbianidade sugere uma abertura para esses assuntos. A TV é uma mídia bastante expressiva no cotidiano da população nacional e as novelas ocupam lugar privilegiado em nossa sociedade, não só como fonte de lazer, mas também como importante elemento de identificação popular e integração nacional (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002).

A Psicologia Social de cunho construcionista, enquadre teórico-epistemológico que norteia esse estudo, oferece inúmeras possibilidades de reflexão sobre o tema, a medida que pressupõe que fenômenos sociais, como a lesbianidade e sua respectiva formalização conceitual não são naturais, mas sim, construções sociais fortemente influenciadas pela linguagem social e pelo contexto que os condiciona (SPINK, 2004; BORGES & SPINK, 2009).

A Construção de “Problemas” Sociais na Mídia: a Novela *Senhora do Destino*

A mídia faz parte de uma rede de saberes – ciência, movimentos sociais, Estado, Igrejas, entre outros –, que, de forma distinta, produz e conforma ideias sobre assuntos diversificados. Sua participação no processo de construção e circulação de repertórios sobre lesbianidade na modernidade é expressiva. O poder da mídia televisiva pode ser entendido, também, por sua capacidade em converter pautas e “problemas” sociais em produtos rentáveis. As novelas fazem parte de uma engrenagem que atua sob a lógica do lucro. A aparente flexibilidade e permeabilidade das produções midiáticas permite avaliar o seu alcance tanto em termos de permanência como de transformação cultural.

Como um dos produtos da mídia televisiva, a telenovela, ocupa um lugar central na construção dos “problemas sociais” na contemporaneidade e, ao aproximar as esferas privada e individual e esfera pública, promove

o acesso a códigos, modelos e representações antes acessíveis somente a algumas parcelas da sociedade.

Senhora do Destino, novela de Aginaldo Silva, veiculada na Rede Globo entre Junho de 2004 e Março de 2005, teve como protagonista central Maria do Carmo (Suzana Vieira). A trama gira em torno dessa personagem que migra de Pernambuco para São Paulo após ser abandonada pelo marido e ter uma filha sequestrada durante a viagem. O irmão de Maria do Carmo, Sebastião, tem uma filha, Eleonora (Mylla Christie), que faz par com Jenifer (Bárbara Borges), filha de Giovanni (José Wilker). A novela, recordista de audiência, tem por meio do romance entre as duas mulheres, uma das razões de seu sucesso, gerando inúmeras reportagens na mídia digital e impressa.

Em *Senhora do destino* (2004-2005), a relação apresentada foi entre a médica Eleonora (Mylla Christie) e a estudante de fisioterapia, Jenifer (Bárbara Borges). A história do par Jenifer (Jen) e Eleonora (Leo) mostrou os conflitos da primeira com a descoberta do amor de Leo e de que esse sentimento era recíproco. Houve toda uma preparação do público e de Jenifer para o seu processo de *coming out*. Quando já estavam namorando, Eleonora encontrou um bebê no lixo e as duas iniciaram um processo de adoção conjunta do bebê.

Sexualidades e os Gêneros na Mídia: Novas Roupagens em Velhos Modelos?

Ao buscar explicações sobre o recente fenômeno da visibilidade homossexual/lésbica, Borges (2007) identificou uma série de argumentos que apontam a mídia como um lugar de produção ativa de novos repertórios das sexualidades e gêneros, sem contudo, escapar à lógica do consumo. Trevisan (2000) e Nunan (2003), embora partindo de perspectivas distintas, assinalam que, apesar de ter havido uma maior inclusão da diversidade de modelos de pessoa nos meios de comunicação, a visibilidade da homossexualidade/lesbianidade se explica também pelo fato dela ter se tornado um produto rentável para os meios de comunicação. Incluir a diversidade se tornou uma prática politicamente

correta por aqueles/as que buscam uma mídia mais democrática e antenada com a variedade de modelos de pessoas e de práticas sexuais que compõem a sociedade, mas, é também, uma estratégia para alcançar públicos potencialmente importantes para o consumo. Para ambos os autores, a mídia despertou para o público consumidor *gay* e lésbico. No caso das novelas, para manter os índices de audiência, especificamente, a partir da década de 1990, elas passam a discutir temas vinculados a era do “politicamente correto” (HAMBURGER, 2005). Dessa forma, entram em cena assuntos vinculados à intimidade – violência contra a mulher, homossexualidade, discriminação racial, entre outros – aproximando a narrativa, na qual se dá o desenrolar do enredo, do cotidiano dos/as telespectadores/as. Ao equilibrar temas “tradicionais” com os “politicamente corretos”, as novelas cumprem seu papel de manter a audiência, reforçando seu caráter ambivalente. Assim, é compreensível que o poder da mídia televisiva em converter pautas e “problemas sociais” em produtos faz parte da lógica que rege as redes de TV, afinal, elas são empresas que visam também ao lucro.

Ao discutir a inclusão das diferenças na cultura globalizada, autores como Strickland (1994), Debord (1997) e Hall (1997) chamam a atenção para o papel central da mídia contemporânea na transformação de fatos sociais em shows de audiência, dignos da sociedade do espetáculo. Segundo eles, mais do que uma integração do outro, do diferente, tem-se um show, um espetáculo para deleite do consumidor.

Em outra direção, Britzman (1996) argumenta que a proliferação do interesse no tema da mídia, tem promovido novas formas de visibilidade e de acesso a códigos culturais homossexuais/lésbicos para o consumo de seus públicos. Esse me parece ser o caso da novela *Senhora do Destino* (2004-2005). Ela contribuiu ao inovar não só com a inclusão do par lésbico, mas também com a introdução de outros temas como o da adoção, colocando esse assunto na esfera dos direitos civis como um direito dos/as homossexuais/lésbicas à parentalidade.

É sabido que mais do que veicular informações sobre as sexualidades, a mídia também produz saberes e formas específicas de comunicar o que é masculino e feminino. Segundo Foucault (2004,

p.55), discursos são práticas que sistematicamente “formam os objetos de que falam”, e não se reduzem a um conjunto de signos que remetem a conteúdos ou representações. As maneiras de como são valorados o masculino e o feminino implicam na manutenção ou subversão de comportamentos, sentimentos e interdições que ajudam a moldar a vida de homens e mulheres.

Nessa mesma direção, Louro (1998, p.21) comenta que “para que se compreenda o lugar e as relações entre homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim, tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”. A mídia é vista pela autora como espaço que, ao mesmo tempo, estimula e restringe formas de comportamento e valores. A exemplo de outras instituições, a mídia exerce papel pedagógico na constituição dos sujeitos, particularmente de seus corpos e sexualidades, isto é, suas práticas e linguagens produzem efeitos e marcam as histórias pessoais. Nas palavras de Louro (2001),

(...) família, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias (LOURO, 2001, p.25).

Nesse processo de constituição, as pessoas não são meros expectadores, mas participam ativamente na produção de sentidos de suas identidades. No entanto, é inegável que a produção do imaginário social está intimamente relacionada com os meios de comunicação modernos.

De modo geral, a mídia trabalha em função de algumas pautas centrais. Maternidade, família e casamento são temas de garantido sucesso, na medida em que são abordados de forma “tradicional”, com pouco espaço para mudanças. Apesar dos temas da homossexualidade/

lesbianidade terem conquistado espaço no vídeo, a exposição de personagens heterossexuais é predominante. Ao focalizar pares não heterossexuais, é comum que a televisão, particularmente as novelas, faça a mediação de comentários e atitudes preconceituosas, quando não homofóbicas. Entretanto, a diversidade sexual, representada por *gays*, lésbicas, *queers*, transexuais, bissexuais, travestis, está mais visível publicamente, o que tem impactado a forma de como as sexualidades são apresentadas no vídeo.

Autoras como De Lauretis (1987), Navarro-Swain (2002) e Louro (2001) refletem sobre o papel da mídia na construção dos gêneros e das sexualidades. De Lauretis (1987) enfatiza a importância das práticas socioculturais específicas do imaginário social, voltadas para a produção e a reprodução das especificidades do masculino e do feminino. Em sua leitura, o cinema, a literatura, a televisão, as novelas, a propaganda, os jornais, entre outros veículos, são tecnologias que difundem e produzem não apenas uma identidade masculina ou feminina, mas um tipo específico de sexualidade, aquela considerada como o único modelo “bom” de identidade sexual: a heterossexual.

Já Navarro-Swain (2002, p.14) destaca que, “apesar das aparições de um contra-imaginário que sugere o múltiplo pela proliferação de formas de relação social/sexual”, os temas centrais desse imaginário social ainda giram em torno da família, da maternidade, do casamento entre um homem e uma mulher, do amor heterossexual. Por mais que o texto da telenovela possa ser visto como polissêmico, ainda prevalecem certas ideias e posições hegemônicas. Muitas vezes, a introdução de identidades plurais acabam se constituindo em um ponto de referência para a afirmação da identidade heterossexual, servindo como contraste e oposição, possibilitando a legitimação da identidade hegemônica.

Louro (2001) lembra que se a visibilidade dessas identidades promove novas referências para se combater a ignorância e a homofobia, ela mesma pode acirrar medos e provocar atitudes discriminatórias, estimulando a organização de grupos e campanhas conservadoras. As três autoras, apesar de partirem de diferentes matrizes teóricas apontam para a centralidade da norma heterossexual no espaço midiático, apesar

de uma proposta de abertura da mídia para o novo.

Essa argumentação reforça a ideia de que o espaço da mídia é carregado de fortes tensões que refletem diferentes interesses e espaços de negociação. Como um lugar repleto de contradição e ambiguidade, a mídia não apresenta uma lógica unívoca e linear e, assim sendo, ela se movimenta e propicia debates na sociedade.

Os aspectos até aqui considerados – exposição da diversidade, do consumo e do exótico – mostram que a mídia tem pautado o tema da homossexualidade/lesbianidade com maior permissividade e relativa constância no tempo. A partir de 1988, uma sequência de novelas na Rede Globo – *Vale Tudo* (1988-1989), *Torre de Babel* (1998-1999), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2004-2005), *América* (2005) e *Páginas da Vida* (2006-2007), corroboram o fato de que essa temática vem ganhando espaço e visibilidade na mídia, o que instiga a indagar sobre as formas como tem se dado essa visibilização.

Transgressão “Normalizada”?

A despeito do caráter inovador da inclusão do tema da lesbianidade em uma novela por meio de um discurso mais explícito, passando de uma posição de não lugar para um lugar de reconhecimento público – portanto, transgressivo, em relação a uma situação de “apagamento” –, essa inserção só aconteceu em *Senhora do Destino* às expensas de uma via de normalização.

A novela *Senhora do Destino* constrói discursivamente a ideia de um “casal” para Leo e Jen nos moldes da vivência heterossexual. Os casais heterossexuais são predominantes e aparecem em diferentes momentos da novela. A narrativa lésbica pode ser construída através da mediação entre o que é aceito como característica “normal” de uma relação heterossexual. As situações que sugerem que Leo e Jenifer mantinham uma relação erótica são precedidas e sucedidas pela exibição de cenas de intimidade de casais heterossexuais. Essas cenas eróticas entre pares heterossexuais sinalizam o que, supostamente, ocorre entre Leo e Jen. O enredo utiliza-se de estratégias narrativas que apresentam aproximações e contrastes,

sugerindo semelhanças entre as relações hetero e homossexuais. No entanto, no desenrolar da trama, as cenas eróticas e sexuais do par lésbico permanecem no plano da sugestão, permitindo concluir que o contexto no qual a novela é produzida, ou seja, a TV, que opera como um meio de comunicação regulada, não pode, intencionalmente, desestabilizar as normas sociais.

Dessa maneira, a novela constrói, ao longo de sua linha narrativa, uma noção naturalizada e idealizada da lesbianidade, ou seja, ela é percebida como algo dado, como parte do cotidiano das pessoas, no qual os processos de legitimação de determinados “tipos” de lesbianidade aparecem de forma não problematizada. A naturalização da lesbianidade na novela ocorre mediante um processo de aproximação com a matriz heterossexual, produzindo, dessa forma, a “normalização” de uma relação “fora dos padrões”. A idealização se mostra por meio da construção de personagens/sujeitos quase perfeitos – mulheres percebidas como lindas, bem situadas e bem conformadas nos seus devidos papéis. No entanto, ao introduzir pautas, cenários e enquadramentos da ordem da intimidade, as novelas propiciam reconfigurações sobre aquilo que é considerado tema legítimo para discussão pública.

O processo de normalização tem sido tema de estudos de vários autores, inseridos em áreas disciplinares distintas. Na psicologia social, na década de 1930, Lewin já discutia o desejo de normalização das “minorias” frente à sua exclusão e posição de subalternidade em relação à norma, a maioria psicológica (MALHIOT, 1998). Reafirmar valores de seu grupo ou buscar reconhecimento social a partir da adoção de valores mais próximos aos dominantes é um dos conflitos há tempos referido pelos grupos “minoritários”.

Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault (1975) localiza o aparecimento do conceito de normalidade como decorrência da instauração do poder disciplinar surgido no ocidente a partir do final do século XVII. Segundo o autor, a normalidade é oriunda da necessidade de transformação e aperfeiçoamento dos indivíduos em corpos dóceis e úteis, através de estratégias de domesticação e controle, resultando na homogeneização e na coibição de possíveis desvios. Uma das esferas de domesticação é

a sexualidade. Se outrora os dispositivos de controle estavam centrados nos saberes médico, jurídico e moral (Foucault, 1984), na atualidade, a mídia emerge como um lugar privilegiado de controle, que funciona como disseminador de discursos de “verdade” sobre a sexualidade.

No contexto da novela, as denominações sobre lesbianidade passam da designação lésbica/homossexual, termos criados no final do século XIX, a outras nomeações mais estigmatizadas e menos politicamente engajadas – “sapatão”, “entendida”, “aberração” –, mostrando a circulação de diferentes discursos, cujos sentidos competem entre si. As personagens se dividem entre os/as que utilizam jargões e opinam menos favoravelmente sobre a relação lésbica e aqueles/as que, apesar de não aceitarem a relação, apresentam uma opinião mais favorável.

A forma como a lesbianidade foi tratada, a busca por uma aproximação do que se considera como “real”, se traduz como um exemplo de transgressividade? Num terreno de múltiplas possibilidades, a relação afetivo-sexual construída por Eleonora e Jenifer é configurada através de uma linha “evolutiva”, que vai da constituição de um “casal” nos moldes do padrão hegemônico da heterossexualidade ao empilhamento de outras instituições que o acompanham, tais como casamento, conjugalidade, monogamia, família.

Butler (2003) chama atenção para os riscos políticos e teóricos de limitar a discussão da normalização da homossexualidade/lesbianidade no casamento e na família em termos de uma simples escolha “a favor ou contra”. A autora pondera que, ao se pleitear o reconhecimento do Estado para as relações homossexuais/lésbicas, os poderes de normalização do Estado se intensificam, estreitando a margem de pensar um projeto radical no campo sexual que inclua práticas sexuais fora do casamento e das obrigações do parentesco. A polarização entre legitimidade e ilegitimidade no âmbito sexual e a insistência em buscar essa legitimação pelo Estado acaba por criar novas hierarquias e distinções entre o que é legítimo e ilegítimo – quem, e o quê, está incluído na norma? (Butler, 2003).

Prosseguindo com as análises de Butler, seria interessante perguntar: quais práticas, na contemporaneidade, estão aptas à esfera da representabilidade? Como pensar politicamente sem incluir as esferas das

posições não representáveis? A autora sugere que análises sobre questões como o casamento gay e lésbico sejam críticas de seus pressupostos e da forma de como estão se qualificando em termos de um discurso político significativo. Diferentemente do que acontece na novela, na qual não há lugar para o “abjeto”, tampouco para desestabilização das normas sociais, o caminho da subversão seria a aposta em uma via promissora que desestabilizasse as categorias identitárias construídas e naturalizadas pelo ordenamento jurídico.

Percorrendo as premissas de Butler, Miskolci (2007) propõe pensar os processos de normalização/institucionalização de determinadas práticas, entre elas, a homossexualidade/lesbianidade. O autor identifica a racionalidade do “perigo” como um dos discursos que legitima a exclusão das práticas afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Miskolci (2007) assinala que, desde a invenção da homossexualidade no final do século XIX, a possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo representou uma suposta ameaça à ordem social. Porém, argumenta que esses temores sociais não apenas construíram a identidade supostamente “ameaçadora” do homossexual e da lésbica, mas também marcaram a constituição dos movimentos afirmativos de *gays* e lésbicas em busca de mecanismos de legitimação social. Como ocorre em parte do movimento homossexual/lésbico, o “casamento” é apresentado na novela como a estratégia que garantirá o reconhecimento e a legitimação.

Concordo com a análise de Rubin (1989), ao propor a hierarquização social das práticas sexuais, assinalando que determinadas práticas são mais valoradas e aceitas do que outras, dependendo da época e do contexto envolvidos. Na “roda dos prazeres” proposta pela autora, a sexualidade transita dos extremos “boa” e “má”, mantendo uma faixa de respeitabilidade que está totalmente referida a contextos sociais distintos. A autora percebe que existem articulações entre marcadores sociais que são mais favorecidos do que outros na eleição sobre que práticas sexuais são consideradas mais elegíveis.

Apesar dessas análises não focalizarem especificamente o universo da mídia e das novelas, elas são úteis para pensar na forma de como foram apresentadas as cenas eróticas dos casais heterossexuais

e do par lésbico. As cenas eróticas do par lésbico aconteceram sempre precedidas ou sucedidas por sequências de casais heterossexuais, demarcando a hierarquização das práticas sexuais na novela. A via da hierarquização das práticas sexuais parece ser a forma encontrada na novela para silenciar a possibilidade de conceber a eroticidade da relação de Leo e Jen como algo plausível, o que só acontece pela via da insinuação ou da metáfora, por meio da intimidade heterossexual.

Mídia Televisiva: Produtora de Visibilidades e Invisibilidades

A mídia televisiva, particularmente a telenovela, contribuiu para atrair a atenção do público para a temática e torná-la legítima, o que levou à disputa de diferentes arenas, desde o mercado até a agenda das políticas públicas.

É inegável o lugar ocupado pelos meios de comunicação na difusão dos corpos e das sexualidades na contemporaneidade. O investimento do poder no corpo, descrito inicialmente por Foucault (1984) e ampliado por Butler (2003), requer estratégias diferentes em tempos distintos. Com o advento dos meios de comunicação, as estratégias de produção dos corpos e das “sexualidades” atingem mais rapidamente, e de forma mais eficiente, os corpos. Através da imaginação, ativada pela circulação incessante de imagens e textos, o simbólico se encarrega de proliferar, produzir e incitar a sexualidade. Assim, apesar do inegável avanço na discussão de temas pouco visibilizados na mídia, a inclusão do tema lesbianidade na novela, embora contemple a necessidade de explorar assuntos pouco abordados, é insuficiente para desconstruir/desestabilizar valores tradicionais.

A polarização repúdio/aceitação é um dos motores que os veículos de comunicação utilizam para manter o interesse da audiência. No entanto, essas posições variam durante a linha narrativa da novela, indicando que as opiniões podem mudar segundo os contextos, as interações e negociações ocorridas. Sebastião e Giovani, pais de Eleonora e Jenifer, à princípio, manifestaram, de diferentes modos e intensidades, aceitar o relacionamento de ambas. Os diálogos se mostram persuasivos

através da força legitimadora da ideia de amor, de casal, de família e de maternidade, culminado na mudança de atitude, primeiro de Giovani e depois de Sebastião. A argumentação que prevalece no texto é baseada na díade amor e família e as personagens Giovani e Sebastião atuam como guardiões e disseminadores de normas sociais. Fonseca (1995) lembra a necessidade de questionar noções naturalizadas como o amor e a família.

Assim, a construção de perfis “bem comportados” e adequados, tendo como referência a norma heterossexual e a tônica do amor romântico, aliados ao poder de sedução do drama, constituíram aspectos fundamentais para a permanência do assunto na novela. A mídia, especialmente a telenovela, tem uma forma particular de gerar e disseminar mensagens, atuando como espaço institucionalizado e com tendência normalizadora que constrói, reproduz e veicula repertórios sobre comportamento amoroso.

Os resultados desta pesquisa apontam para um duplo efeito na introdução da temática lesbianidade na novela. Por um lado, há um processo de assimilação da categoria lésbica, provocando o efeito de maior “familiarização” com o assunto na sociedade, bem como de circulação de códigos/modelos que propiciam a legitimação de relações entre pessoas do mesmo sexo. Por outro, a forma como ocorrem os processos de legitimação/aceitação não propicia a desestabilização das normas e dos modelos hegemônicos. A retórica discursiva da novela é construída a partir da ideia de “casal”, cuja referência se inscreve na biologia (macho e fêmea), modelo naturalizado da expressão de sexualidade e que orienta a caracterização da relação entre Eleonora e Jenifer em termos de polaridades. A forma como a temática na novela é conduzida, aponta para uma tendência à normalização, reposicionando os sentidos da lesbianidade dentro da categoria “normal”.

Ao incluir o tema da lesbianidade, a novela expõe o que Butler (2003) denomina de “o dilema por reconhecimento público”. Por um lado, viver sem as normas do reconhecimento público pode gerar sofrimento psíquico e limitações de toda ordem; por outro, se as normas de reconhecimento não forem desafiadas criticamente, a demanda por reconhecimento pode resultar em processos de hierarquia social, fortalecendo o poder

de normalização do Estado.

Apesar da mídia atuar como uma via para a reflexão, através de seus produtos culturais, a novela, aqui analisada, não consegue provocar interrogações sobre a lógica do que é concebido como legítimo ou não. Esta me parece ser uma tarefa mais compatível com o lugar de pesquisador/a interessado/a – pensar política e criticamente as questões atuais.

Referências

BORGES, L. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. In: GROSSI, M.; UZIEL, A.P.; MELLO, L. (orgs.) **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. **Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino**: possibilidades de legitimação e de transgressão. 2008. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BORGES, L. S. & SPINK, M.J.P. Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos? *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 442-452, set./dez. 2009.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan/jul, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CITELLI, M. T. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002)**: revisão crítica. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: the discursive production of selves.

Journal for the Theory of Social Behaviour, Chicago, v. 20, n. 1, p.43-63, 1990.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE LAURETIS, T. **Technologies of gender, essays on theory, film and fiction**. Bloomington, Indiana: Indiana University, 1987.

FONSECA, C. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, I. e RIBEIRO, A. C. (orgs.) **Família em processos contemporâneos**: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo, Loyola, 1995.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis-RJ/São Paulo: Vozes, 1975.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7. ed., 2004.

GOMIDE, S. **Representações das identidades lésbicas na telenovela Senhora do Destino**. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2006.

HALL, S. A centralidade da cultura. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.

HAMBURGER, E. Representações sobre a reprodução em novelas brasileiras. In: OLIVEIRA, M. C.; BALTAR, M. I. (orgs.) **Saúde reprodutiva e política na América Latina**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **O Brasil antenado**: a sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LOPES, M. I. V. de; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. da R. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção e teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

_____. (org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MALHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007.

NAVARRO-SWAIN, T. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? **Labrys Estudos Feministas**, nºs 1-2, Brasília-DF, jul/dez de 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/>>. Acesso em: 15 mar.2007.

NUNAN, A. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, C. **Placer y peligro**: explorando la sexualidad femenina. México: Editorial Revolución, 1989.

SENHORA DO DESTINO. Autoria: Aguinaldo Silva. Colaboração: Filipe Miguez, Maria Elisa Berredo, Nelson Nadotti. Direção: Luciano Sabino, Marco Rodrigo, Cláudio Boeckel, Ary Coslov. Direção geral: Wolf Maia. Rio de Janeiro, Rede Globo. Exibida às 21h em 221 capítulos, de 28 de junho de 2004 a 12 de março de 2005.

<<http://www.teledramaturgia.com.br/alfabetica.htm>> Acesso em: 21/03/2007.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

STRICKLAND, S. Feminism, postmodernism and difference. In: LENNON, K.; WHITFORD, M. (eds.) **Knowing the difference**. New York: Routledge, 1994. p. 265-274.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonade, 2000.